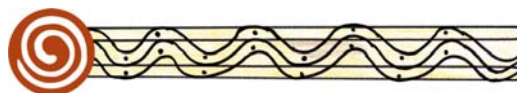


DESTAQUE



Exposição sobre arte asurini encanta visitantes no Museu do Índio

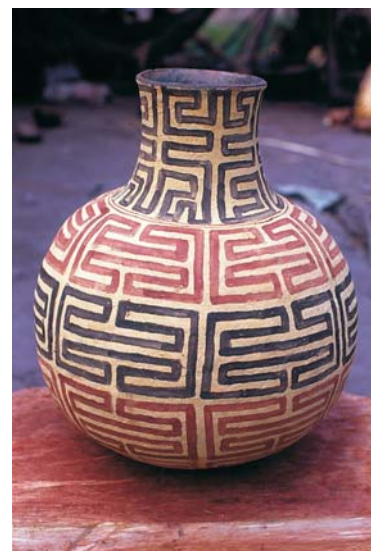
Página 2



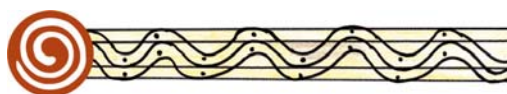
A maior peça da exposição, a panela *Tauvarukaia*, foi confeccionada, no Museu do Índio, por artesãs Asurini



Crianças e artesãs Asurini, em oficina de cerâmica, no Dia do Índio



ARTIGO

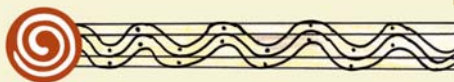


A arte feminina no Tumucumaque

Página 4



EDITORIAL



O Museu ao Vivo, em sua primeira edição deste ano, acolhe 2008 com grande expectativa, acreditando na realização de importantes projetos para os próximos meses. Para celebrar o Dia do Índio, no dia 19, inauguramos uma exposição mostrando um pouco da cultura Asurini, sob a curadoria da pesquisadora Regina Muller. Mais uma vez, o Museu do Índio prioriza em seus eventos conscientizar adultos e crianças sobre a importância da preservação e divulgação do patrimônio cultural indígena. Já na página 4, um artigo da antropóloga Denise Grupioni sobre o trabalho com miçangas dos índios Tiriýó, da região do extremo norte do Pará. Vale a pena conferir o material que faz parte do acervo do Museu do Índio. Na coluna Informes, mais novidades. Boa leitura e até a próxima edição.

Assessoria de Comunicação Social

MUSEU AO VIVO

Ano 20 | Número 31 | Abril a Julho de 2008

Informativo do Museu do Índio/FUNAI
Editado pela Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Justiça
Tarso Genro

Presidente da FUNAI
Márcio Augusto Freitas de Meira

Diretor do Museu do Índio
José Carlos Levinho

Assessoria de Comunicação Social
Redação / Revisão
Cristina de Jesus Botelho Brandão
(Reg. Prof. RJ 15633 JP)
Rosângela de Oliveira Abrahão
(Reg. Prof. RJ 16125 JP)
Marta Gontijo
Renata Cristina Vieira da Silva

Fotos: **Renata Cristina Vieira da Silva**
Arliza de Almeida

Editoração: **MURO Produções Gráficas**
5 mil exemplares

Rua das Palmeiras | 55 | Botafogo
CEP 22270-070 | Rio de Janeiro, RJ
Telefones (21) 3214-8705 | 3214-8702
comunicacao@museudoindio.gov.br
www.museudoindio.gov.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



DESTAQUE



Em cartaz: Ritual da Imagem, Arte Asurini do Xingu

A preservação, documentação e divulgação das manifestações culturais dos grupos indígenas brasileiros são os objetivos que norteiam as ações promovidas pelo Museu do Índio. Em abril deste ano, a instituição, mais uma vez, abriu as portas para receber representantes dessas comunidades envolvidas em projetos voltados para a manutenção de suas manifestações culturais. O evento do Dia do Índio (19 de abril) foi dedicado aos Asurini do Xingu, habitantes da Terra Indígena Koatinemo, no Pará. Eles participaram das comemorações, no Rio de Janeiro, apresentando ao público carioca um pouco do trabalho que desenvolvem para garantir, às gerações futuras, a continuidade dos saberes tradicionais sobre as performances rituais e os processos de elaboração dos objetos.



Sobre os Asurini do Xingu

Situados à beira do médio rio Xingu, na Terra Indígena Koatinemo, a aproximadamente 100 km da cidade de Altamira, no estado do Pará, os Asurini do Xingu têm, atualmente, uma população de 130 indivíduos (Funasa, 2007), falantes da língua asurini, família lingüística Tupi-guarani. Conhecidos pela forma acolhedora de interagir com o mundo dos não índios, os Asurini vivem em diferentes tipos de habitação, sendo as mais comuns as feitas com paredes de barro, estrutura de madeira e cobertura de palha. Têm como principais atividades de subsistência a caça, a pesca e a agricultura. Comercializam objetos da cultura material, entre eles, as peças da arte cerâmica decoradas com o grafismo próprio da tradição asurini.

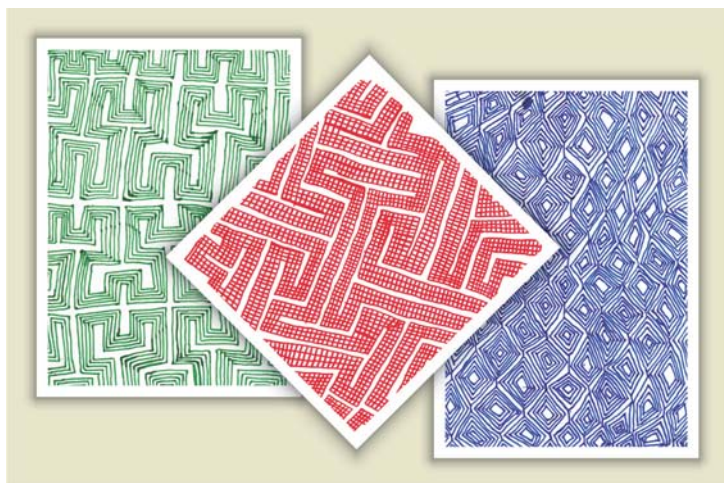


O ponto alto da programação foi a inauguração da mostra **"Ritual da Imagem: Arte Asurini do Xingu"** no Espaço Museu das Aldeias. A curadoria é assinada pela professora e antropóloga Regina Polo Müller, que estuda há 30 anos a arte e costumes desta comunidade indígena.

Concebida dentro da proposta de desenvolvimento de projetos em parceria com os povos indígenas, a exposição exhibe arte cerâmica, grafismo, pintura corporal e ritual, peças do acervo do Museu do Índio (1978-1982) e da produção contemporânea dos Asurini. Vídeos, projetados nas paredes das salas, apresentam aos visitantes todas as etapas de criação da arte gráfica Asurini utilizada nas pinturas corporais e na decoração de objetos, especialmente cerâmicas. Na inaugura-

ção, o grupo de vinte e seis índios, entre adultos e crianças, fez uma demonstração das danças do ritual *Turé*, realizado ao som de flautas. A visita dos Asurini ao Museu do Índio começou no dia 16 de abril, quando os visitantes puderam apreciar o trabalho de ceramistas Asurini na confecção de uma das peças da exposição: a grande panela *Tauvarukaia*. O objeto faz parte do ritual da cerimônia das flautas *Turé*, quando eles choram seus mortos.

O Museu do Índio fica na Rua das Palmeiras, 55, em Botafogo. A exposição está aberta ao público até o mês de julho, de terça a sexta-feira, das 9 às 17h, sábados, domingos e feriados, das 13 às 17h.



Entrevista

Regina Pólo Müller é professora de Antropologia da Dança do Programa de Pós-Graduação em Artes do Departamento de Artes Corporais da Unicamp. Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutoramento no departamento de Performance Studies/New York University, Regina é autora do livro *Os Asurini do Xingu: História e Arte*. Atualmente, desenvolve pesquisa sobre performance, interculturalidade e o corpo em movimento na cena contemporânea e coordena projetos de desenvolvimento e educação associados à pesquisa e documentação do patrimônio cultural imaterial indígena. Regina Muller foi curadora da exposição *Brésil Indien, les arts des Amérindiens du Brésil – Ano do Brasil na França*, em 2005, em Paris, e curadora associada da Mostra do Redescobrimiento, Módulo Artes Indígenas, em 2000, São Paulo.

Enquanto professora de antropologia, qual a importância de comemorarmos o Dia do Índio?

A comemoração do Dia do Índio é um fato ambíguo porque, de um lado, discrimina os povos indígenas ao ser eleito um dia do ano para se lembrar dos seus direitos e reivindicações, e de outro, lhes confere a visibilidade que permite justamente se tomar consciência destes direitos e se denunciar o apagamento da memória ao qual estes povos foram e vêm sendo submetidos. Sou a favor de que todo dia seja dia do índio.

O que o público deve esperar da exposição sobre os Asurini?

A arte gráfica, o lugar da cerâmica na sociedade Asurini e a mitologia e ritual a ela associados são apresentados nesta exposição com o desejo de que a arte deste povo do médio rio Xingu possa ser mais bem conhecida fazendo-se jus a sua riqueza e vitalidade até os dias de hoje. A ignorância sobre a realidade dos povos indígenas, como vivem, pensam e se expressam, é uma das causas do preconceito existente contra eles e contribui para o apagamento de sua importante presença em nossas vidas e no destino de nosso país. Queremos mostrar que um povo que vive a arte no seu dia-a-dia tem muito a nos ensinar.

Como analisa o trabalho desenvolvido pelo Museu do Índio para apoiar o movimento das comunidades indígenas interessadas na preservação e recuperação de seu patrimônio cultural?

A transmissão do conhecimento tradicional e a comunicação intercultural, dois pilares em que se assenta a autonomia dos povos indígenas, se baseiam fundamentalmente na dinâmica do seu patrimônio cultural. O trabalho que o Museu do Índio realiza, de documentação e divulgação de suas manifestações, contribui de modo importante e talvez exclusivo na cena dos museus nacionais para se garantir aquela dinâmica.

ARTIGO



Sementes, miçangas e teares: arte feminina no Tumucumaque

Denise Fajardo Grupioni

Antropóloga, Iepé e NHII/USP

A arte da tecelagem com sementes e miçangas entre as mulheres Tiriyo e Kaxuyana que vivem no extremo norte do Pará conta com um repertório variado de técnicas, grafismos, cores e modelos que vão desde as tradicionais tangas de uso feminino, passando pelos adornos usados por homens e crianças, e chegando aos novos modelos de colares e bolsas de uso feminino, voltados para o atual mercado de acessórios de moda. Ao contrário do que poderia se imaginar, o uso de miçangas, na tecelagem de vestimentas e adornos diversos, é anterior ao uso de sementes nativas. Antes das miçangas, as tangas femininas (*keweyu*) e cinturões masculinos (*pēnti*) eram basicamente tecidos com algodão tingido. As miçangas chegaram à região em meados do século XIX por meio do comércio de trocas com os negros refugiados da então Guiana Holandesa (atual Suriname). Este comércio vigorou até meados do século XX, quando, em ambos os lados da fronteira entre o Brasil e os países guianenses, começaram a se fazer presentes missões religiosas e agências governamentais de assistência. Desde então,

o comércio com os negros diminuiu significativamente. Neste processo, as miçangas se tornaram cada vez mais escassas, e, em substituição, desenvolveram-se técnicas de tecelagem com sementes de maramara (*Schefflera morototoni*) tingidas com corantes naturais.

A pedido das mulheres Tiriyo e Kaxuyana, desde 2006, o Iepé vem desenvolvendo o Programa *Arte com sementes e miçangas*, com apoio do Iphan, Norad, Museu do Índio e Coordenação de Educação/Funai. Este programa visa incentivar a organização comunitária dessas mulheres em torno de seu ofício de artesãs. As ações vêm sendo desenvolvidas por meio de oficinas, em diferentes aldeias da faixa oeste da TI



MULHERES TIRIYO E KAXUYANA

Parque do Tumucumaque, de modo a contemplar as mulheres de todas as comunidades locais e de todas as idades. Elas vêm encontrando neste Programa um novo incentivo ao exercício de uma arte

fundamental para a realização plena de um ideal feminino de artesã, tão valorizado e cultivado por suas mães e avós.

Até hoje já aconteceram seis oficinas, durante as quais foram documentados os saberes, técnicas e grafismos envolvidos nessa arte, bem como os tipos de objetos produzidos hoje e antigamente, com os devidos usos, finalidades, tipos de decoração e simbolismo. Ainda durante as oficinas, foram confeccionadas peças de miçanga e maramara entre colares, pulseiras, bolsas, cinturões masculinos e tangas de miçanga tradicionalmente usadas pelas mulheres. Deste conjunto, 120 peças foram incorporadas ao acervo etnográfico do Museu do Índio para compor uma coleção que servirá para estudos e difusão dessa arte feminina.

INFORMES



Novo Conselho Consultivo do Museu do Índio

A posse aconteceu, no último dia 14 de abril, em evento que contou com a presença do Presidente da FUNAI, Márcio Meira, e da Secretária de Direito Econômico do Ministério da Justiça, Mariana Tavares, entre outras autoridades e lideranças indígenas. Na ocasião, o Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa dos Direitos Difusos / MJ lançou o edital de seleção de projetos de segurança de acervos culturais. A programação incluiu, ainda, a assinatura do Acordo entre a Fundação Nacional do Índio-Funai e a Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu – Aikax para criação do acervo digital da cultura do povo Kuikuro; a inauguração da Oficina de Papel voltada para os índios Guarani do Rio de Janeiro com apoio da UNESCO e UERJ; as novas instalações do Centro de Processamento de Dados – modernizado para ampliação da capacidade técnica de gerenciamento de arquivos digitais sobre os povos indígenas – e o Espaço de Criação – dedicado ao atendimento do público infantil.

Conselheiros:

1. Algemiro Silva
2. Carlos E. Álvares Coimbra Junior
3. Carlos Fausto
4. Claudia Márcia Ferreira
5. Daniel Monteiro Costa
6. José Carlos Levinho
7. José do Nascimento Junior
8. José Ribamar Bessa Freire
9. José Sávio Leopoldi
10. Lúcia Hussak Van Velthem
11. Luis Donisete Benzi Grupioni
12. Marco Antônio Teixeira Gonçalves

Impresso

Nº Contrato 0509911072 DR/RJ
MUSEU DO ÍNDIO

... CORREIOS ...